

JOIAS DA AMAZÔNIA: DIÁLOGOS ENTRE OS ESTUDOS FEMINISTAS E AS VOZES DAS EDUCANDAS DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE

Isabell Theresa Tavares Neri⁷

Resumo: Este trabalho investiga a realidade das educandas que participam das práticas sócio educativas do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire-NEP, vinculado ao CCSE da UEPA. Tratam-se de mulheres oriundas das mais diferentes regiões da Amazônia, com uma faixa etária variada, as quais não frequentaram a escola em idade regular. Neste sentido, procurou-se compreender os obstáculos sociais, familiares, profissionais e econômicos que essas mulheres enfrentam, bem como a relação destes problemas com a trajetória educativa destas educandas. A pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolveu-se em quatro instituições não escolares, sendo uma unidade de atendimento para mulheres e adolescentes, uma maternidade pública, uma casa de acolhimento para vítimas de escarpelamento e uma instituição filantrópica que atende jovens em situação de vulnerabilidade social. Todas abarcam as variadas ações pedagógicas do NEP, como Educação popular e saúde, educação sexual e educação de jovens e adultos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com onze mulheres que frequentam estes espaços. Os dados coletados foram estudados por meio da análise de conteúdo, de forma a captar a forma como estas mulheres interpretam o “ser mulher”, em meio às obrigações matrimoniais, aos dilemas da maternidade, à invisibilidade de sua importância nas atividades que garantem o sustento das suas famílias bem como as discriminações que vivenciam nas salas de aula. Como resultado, destacamos a presença de uma ideologia machista na sociedade amazônica que é refletida no cenário da escola tradicional, marcada por ser preconceituosa, excludente e insensível às questões de gênero.

Palavra-chave: Educação Popular. Vozes femininas. Paulo Freire.

Abstract: This present study focuses the research on the reality of women students taking who participate in socio educational practices of the Popular Education Center Paulo Freire (NEP), linked State University of Pará (UEPA)- Social Sciences and education center. Are women from different Amazon's regions, with a varied age, who have not studied in certain age. In this sense, sought to investigate the obstacles social, family, professionals and economic what a these women face. And the relationship of these problems with the educational trajectory of these women's students. The qualitative research developed in four non-schools institutions, It is a service unit for women and adolescents, a public maternity, one care home for victims of scalping and a philanthropic institution what a serving young people in socially vulnerable. These encompass the varied NEP's pedagogical actions, as popular education and health, sexuality's education and adult's education. were realized semi structured interviews with eleven women attending these places, the data were studied through content analysis realizing how these women interpret the “female identity” among the obligations of marriage, the dilemmas of motherhood, the invisibility of its importance in the activities that ensure the family's lived, and the prejudices they face in the classroom. As results highlight the presence of a sexist ideology in the Amazon society, what a reflected in the traditional school setting. It is marked by discriminatory, exclusionary and insensitive gender discrimination.

Key-word: Popular Education. Female voices. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea nos instiga a muitas reflexões. Entre elas, destacam-se as contribuições da ciência para os dilemas que permeiam os inúmeros aspectos sociais. Segundo Santos (2010, p.142) “o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo, é também cultural e, em última instância, ontológica, traduzindo-se em múltiplas

⁷Mestranda em educação e Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. E-mail: bellneri2008@hotmail.com

concepções de ser e estar no mundo.” Neste sentido, surge no campo das ciências sociais a epistemologia feminista.

Os estudos feministas, segundo Louro (1997), amadureceram sob a premissa de promoverem o protagonismo das mulheres no seio das universidades. Nesse sentido, o destaque da imagem feminina, no cenário acadêmico, dependa da importância de se renovar as metodologias de pesquisa, a fim de que sejam elucidados o papel feminino em áreas como a educação.

Desta forma, nesta pesquisa, vislumbra-se um diálogo, entre este campo de estudo e a educação popular, pautado pela filosofia educativa de Paulo Freire, marcada pelo diálogo e engajamento político com as classes oprimidas de regiões periféricas, compromisso este expresso por meio de práticas educativas com mulheres jovens e adultas, desenvolvidas em instituições não escolares pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire-NEP, vinculado a Universidade do Estado do Pará.

O objetivo nesta pesquisa foi o de analisar os obstáculos sociais, familiares, profissionais e econômicas que essas mulheres enfrentam, bem como a relação destes problemas com a trajetória educativa das educandas.

O estudo inicia-se por uma descrição da metodologia de pesquisa, seguida de breve discussão sobre o surgimento dos estudos feministas no Brasil e da apresentação e prática da educação com mulheres jovens e adultas em Instituições não escolares desenvolvidas por educadores do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire.

Metodologia do estudo

A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, desenvolveu-se em quatro instituições não escolares: uma unidade de atendimento para mulheres e adolescentes, uma maternidade pública, uma casa de acolhimento para vítimas de escarpelamento e uma instituição filantrópica que atende jovens em situação de vulnerabilidade social.

Esta modalidade de pesquisa visa “descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, *apud* GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.60). Desta forma, procurou-se compreender a tessitura de símbolos, gestos e representações que envolvem a relação entre feminismo e educação nos relatos de mulheres que não frequentaram a escola na idade regular, em uma dimensão dialética.

Louro (1997) afirma que as narrativas do cotidiano transmitidas pelas mulheres apresentam-se como importantes fontes de pesquisa para os estudos feministas, uma vez que fragmentam o superficialismo científico ao introduzirem no seio das pesquisas

sociológicas sentimentos, expectativas e anseios de sujeitos socialmente excluídos aos olhos das ciências sociais.

Neste estudo, foram realizadas entrevistas com 11 mulheres que frequentam os espaços onde são realizadas as atividades do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, sendo: 2 adolescentes de 15 anos vinculadas a uma Instituição Filantrópica; 3 mulheres na faixa dos 30 aos 50 anos pertencentes a uma Casa de Acolhimento; 4 mulheres com idades entre 15 e 50 anos, internadas em uma Maternidade hospitalar pública e 2 educandas com idades de 15 e 45 anos usuárias dos serviços ofertados pela Unidade de Atendimento Materno Infantil. É importante destacar que as suas identidades foram preservadas por meio de nomes fictícios.

A modalidade de entrevista escolhida foi a semiestruturada, que por sua vez, é “guiada pelo roteiro de questões, o qual permite uma organização flexível e ampliação do questionamento à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado.” (FUJISAWA 2000, *apud* BELEI *et al*, 2008, p.189). Sendo assim, as falas das mulheres foram registradas por meio da transcrição das entrevistas coletadas.

Utilizou-se, também, o levantamento bibliográfico, cujo procedimento, segundo Amaral (2007), caracteriza-se por um levantamento de artigos científicos, periódicos, compêndios teses e dissertações que abordassem temáticas sobre a representação feminina na realidade socioeducativa.

Os dados coletados foram sistematizados e analisados por meio de técnicas de categorização da análise de conteúdo, de forma a captar a forma como estas mulheres interpretam o “ser mulher”, em meio às obrigações matrimoniais, aos dilemas da maternidade, à invisibilidade de sua importância nas atividades que garantem o sustento da família além das discriminações que vivenciam nas salas de aula e no cotidiano social.

Para Campos (2004, p.611):

A análise de conteúdo é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca de um sentido ou dos sentidos de um documento [...] um exemplo clássico e importante sobre a utilização da análise de conteúdo, passa a ser o seu uso na interpretação dos artigos de imprensa sobretudo nos Estados Unidos no início do século XX.

Os dados coletados foram analisados com a finalidade de se buscar características presentes ou ausentes nas falas das pessoas entrevistadas. Entre elas, discursos machistas, feministas, sentimentos de afetividades e expectativas entre outros, fecundados no contexto das relações sociais e educativas.

Epistemologia dos estudos Feministas

Muitos embates permeiam o campo da ciência clássica. Para Pereira (2010), a mesma caracteriza-se por ser masculina, culturalmente européia e etnicamente branca. Características estas, que mascaram, por meio de um método científico neutro, questões subjetivas femininas que permeiam a sociedade.

Com vistas a resgatar estas subjetividades no contexto epistemológico, “os estudos feministas questionam os paradigmas da ciência e as definições tradicionais de sociedade, política, público, privado, autonomia e liberdade” (ZIRBEL, 2007, p.19). Neste sentido, ainda segundo a pesquisadora, a epistemologia feminista busca destacar aspectos como as emoções, as relações sociais e as aspirações reveladas no cotidiano subjetivo das mulheres que vivem em uma sociedade patriarcal.

Para Castro e Egger (2012, p.232):

As mulheres foram excluídas da maior parte dos direitos sociais e políticos, seu lugar social, por séculos, foi a esfera privada e não a pública. Logo, estamos nos referindo a séculos de exclusão e silenciamento de mulheres no espaço público[...] quais serão as consequências disso na pesquisa com mulheres? O pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história devido à sua exclusão nas instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre\com as mulheres.

Diante destes obstáculos elencados pelos\as estudiosos\as, é preciso pensar em novas posturas no que se refere às metodologias que embasam a epistemologia feminista. Segundo Narvaz e Coller (2006, p.648) “as metodologias feministas referem-se menos à adoção de técnicas específicas de coleta de dados que a inclusão dos aspectos de gênero e de poder na construção do conhecimento.” Em outras palavras, a epistemologia feminista deve ser encarada sob o prisma da pluralidade.

Esta diversidade, de acordo com as pesquisadoras, implica em oportunizar o empoderamento das mulheres, que, por conta de uma trajetória histórica de exclusão, experimentam um violento processo de silenciamento principalmente no contexto educativo.

Para Louro (1997 p. 110):

Os processos escolares como produtores e reformadores de desigualdades sociais, vêm ocupando a agenda política acadêmica de muitos\as estudiosos e estudiosas críticos\as há várias décadas. Observações e análises contundentes foram desenvolvidas a princípio especialmente sob a ótica das distinções de classe e resultaram na produção de teorias, de propostas pedagógicas, de práticas educativas. A esses estudos iniciais, em sua grande maioria de inspiração marxista, seguiram-se outros, voltados para a educação de gênero, de raça [...]tais estudos implicaram diversas perspectivas teórico-metodológicas e, em consequência, apontaram para múltiplos encaminhamentos e proposições.

Paulo Freire (2001) aponta para o risco de o pesquisador utilizar a ciência nos campos social e educativo como uma forma de alienação. Procurando uma direção contrária, ele orienta para a importância de os sujeitos também tornarem-se participantes ativos no processo da pesquisa.

Neste sentido parte-se para “a busca por um diálogo científico, um diálogo não mais à procura da verdade. Um diálogo múltiplo em busca de sentidos partilháveis” (BRANDÃO, 2003, p.39). Em outras palavras, este processo dialógico representa as novas perspectivas que a ciência vem experimentando ao relacionar-se com outros campos como a educação. Esta integração entre o contexto educativo e o campo científico, apresenta-se como um núcleo de possibilidades para se repensar a autonomia feminina em aspectos culturais, sociais e políticos.

Núcleo de Educação Popular Paulo Freire: apresentação e práticas educacionais freireanas

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) oficializou-se como grupo de estudos em 17 de dezembro de 2003, instituído pela Resolução do Conselho Universitário (CONSUN), fruto da transformação do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (PROALTO), o qual já era marcado pelas suas práticas educativas freireanas.

O pensamento filosófico e educativo de Paulo Freire é conduzido no interior do núcleo por professores/as de forma humana, democrática e respeitosa. Estas qualidades contribuem significativamente para a formação universitária dos graduandos/as que estão vinculados ao grupo, os quais experimentam uma relação dialógica com os docentes do NEP.

Segundo Freire (1982, p.42):

Sendo o selo do ato cognoscente, o diálogo não tem nada que ver de um lado com o monólogo do educador bancário, de outro com o silêncio espontaneísta de certo tipo de educador liberal. O diálogo engaja ativamente a ambos os sujeitos do ato de conhecer educador-educando educando-educador.

Essa forma dialógica de aprendizagem reflete de forma significativa na prática dos/as educadores/as do NEP em diferentes espaços educacionais, dentre os quais, os que atendem especificamente mulheres, como o caso das instituições pesquisadas.

Há um comprometimento político e social do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire com as camadas sociais excluídas residentes nos mais variados municípios amazônicos e que frequentam seus espaços educacionais “Uma educação que parta dos saberes, das experiências de vida dos educandos para a compreensão mais rigorosa e crítica de sua realidade” (OLIVEIRA, 2011, p.2) Este compromisso, torna as ações

nepeanas múltiplas tanto em suas características quanto nos ambientes em que atuam, que abarcam não apenas escolas, mas também instituições socioeducacionais como hospitais, unidade de acolhimento de idosos, entre outras.

Para Freire (2001, p.59):

A prática político-pedagógica dos educadores progressistas deve ocorrer numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pela tradicionalidade, pela modernidade e até a pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança.

No contexto desses desafios sociais, os eixos temáticos que permeiam as ações pedagógicas são diversos, tais como: educação de jovens e adultos-EJA; Filosofia com crianças e adolescentes, educação sexual, educação popular e saúde e educação com idosos. Partindo da historicidade da Amazônica, a qual engloba os quatro contextos educativos onde se efetuou a pesquisa, as práticas pedagógicas realizadas nos mesmos, abarcam mais de uma destas temáticas.

O primeiro é caracterizado por ser uma unidade de atendimento para mulheres, crianças e adolescentes, que são assistidos por variados programas de saúde entre os quais se destaca a prevenção e o tratamento de doenças sexualmente transmissíveis.

A unidade estabeleceu este ano uma parceria com o NEP, com o objetivo de promover rodas de conversas com os sujeitos que frequentam o local, sob a ótica da educação popular e saúde. “Em muitas instituições de saúde, grupos de profissionais têm buscado o desafio de incorporar no serviço público a metodologia da educação popular” (VASCONCELOS, 2004, p.69). Esta incorporação possui a finalidade de promover um atendimento hospitalar humanizado, partindo do princípio de que a realidade do paciente deve ser compreendida em sua totalidade.

O segundo e o terceiro espaços escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa também englobam práticas de educação popular e saúde, sendo os mesmos uma maternidade de referência na Amazônia e uma casa de acolhimento para vítimas de escarpelamento.

O estabelecimento hospitalar possui uma equipe multiprofissional, que formada não apenas por médicos e enfermeiros, mas também fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e pedagogos. Estes, em parceria com as educadoras e educadores do NEP, contribuem para o bem estar das mães que acompanham a recuperação de seus bebês nascidos de parto prematuro na UTI Neonatal.

Os encontros educativos são momentos para problematizar aspectos que permeiam o cotidiano das moças e das mulheres que vivem pela primeira vez o dilema, em sua

maioria, de serem mães, fase esta que abarca muitos desafios para as suas vidas. Desta forma, em cada encontro, os educadores e educadoras do NEP procuram refletir criticamente sobre as novas identidades que essas mulheres passam a assumir com a maternidade.

O mesmo hospital também possui uma tradição consolidada no que se refere ao tratamento das mulheres e crianças vítimas de escalpelamento. Um acidente culturalmente agregado no cenário ribeirinho amazônico, por conta das características hidrográficas que definem a Amazônia. Nesse sentido, o transporte prioritário na região é o hidroviário.

Segundo Cunha *et al* (2012, p. 4):

O escalpelamento é um trauma comum na região norte do Brasil, causado pela avulsão parcial ou total do couro cabeludo, nesse ambiente geográfico o escalpelamento ocorre principalmente pelo contato acidental de cabelos longos com o motor do eixo rotativo de embarcações fluviais, a apreensão dos cabelos por esses motores, gera uma força de tração rotatória que leva ao arrancamento do couro cabeludo de forma abrupta.

As consequências deste acidente para as vítimas vão muito além dos traumas físicos. Por conta da gravidade das lesões, as pessoas acidentadas, de predominância feminina, necessitam deslocar-se para a capital em busca de um tratamento adequado, caracterizado por inúmeras cirurgias, o que prolonga a ausência das pacientes de suas localidades, ocasionando alterações nas dinâmicas sociais, familiares e econômicas das mesmas.

Estes aspectos foram levados em consideração pelo hospital, de forma a deliberar a criação de uma casa de acolhimento para abrigar as mulheres escalpeladas em recuperação e seus acompanhantes. Este espaço possui uma equipe interdisciplinar composta por enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, que contam com a parceria do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. Nestes ambientes, as práticas socioeducativas realizadas pelo NEP envolvem discussão de inúmeros temas por meio dos processos de uma alfabetização que engloba os processos de codificação e decodificação.

Segundo Freire (1987, p.6):

A codificação e a decodificação permitem ao alfabetizando integrar a significação das respectivas palavras geradoras em seu contexto existencial. Ele a redescobre num mundo expressado em seu comportamento. Conscientiza a palavra como significação que se constitui em sua intenção significativa coincidente com intenções de outros que significam o mesmo mundo. Este mundo- é o lugar do encontro consigo mesmo e os demais.

O pensamento crítico é um aspecto presente nas práticas educativas do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, que implica nos processos de escuta e fala, os quais permitem à educanda e ao educando, expressarem as suas visões de mundo. Segundo

Freire (1979, p.42) “A educação crítica é a futuridade revolucionária. Ela é profética, e como tal, portadora de esperança e corresponde à natureza histórica dos homens e mulheres.” Neste sentido, as ações pedagógicas levam em consideração as características que permeiam o cotidiano das educandas e educandos.

Além disso, são estimuladas nas práticas educativas do NEP, a curiosidade epistemológica, o incentivo ao ato de perguntar, entre outras. Não posso como educador progressista, em nome do dever de evitar maiores sofrimentos às classes populares, limitar o universo de sua curiosidade epistemológica (FREIRE, 2003, p.119). Desta forma, a postura dos educadores/as do NEP, é de humildade, observação e sensibilidade frente aos desafios que permeiam a realidade das classes oprimidas.

As vozes das educandas do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire

Os relatos das educandas são fundamentais para uma maior compreensão sobre os obstáculos que enfrentam para frequentarem uma sala de aula. Ao procurarmos compreender estes entraves, lançamos luzes sobre os motivos que levam estas mulheres a permanecerem acorrentadas aos intensos índices de analfabetismo na região amazônica. Trata-se de um contexto social ainda marcado por ideologias machistas que potencializam o silêncio de inúmeras mulheres, ocasionando a sua invisibilidade perante as esferas econômicas, políticas e educativas.

Neste sentido, sentimos a necessidade de refletir com as educandas entrevistadas, sobre a representação que elas possuem a respeito da imagem feminina. “A representação social é uma das atividades psíquicas graças às quais os homens e mulheres tornam inteligível a realidade física e social” (MOSCOVICI, 2002, *apud* OLIVEIRA E MOTA NETO, 2003, p. 55). Desta forma, a interpretação das mesmas sobre o “ser mulher”, tornou-se fundamental para a compreensão dos seus papéis em múltiplas esferas sociais.

Para mim, ser mulher é tudo. Por que... A gente sabe lá... Por exemplo, a mulher cuida de uma maneira dos filhos que não tem nem como comparar assim. Eu acho uma coisa muito legal assim. É... Também outra coisa que as mulheres são mais fortes assim, a gente consegue fazer coisas que os homens fazem, mas não da mesma forma assim bem legal (ANA-L. M).

Mulher tem segurança, mulher tem que ser respeitada, a mulher tipo... Porque a mulher coloca as pessoas no mundo, para mim tem que respeitar as mulheres porque elas são importantes, primeiro porque **se não existisse mulher não existiria homem né?**(CLARA. L.M) (grifo nosso).

As falas das educandas exprimem uma reação contra a sociedade que as exclui. Em outras palavras, não podemos ser inflexíveis no sentido de pensar que a mulher sempre se verá como um sujeito passivo no meio social em que vive. Ao contrário deste fatalismo,

existem possibilidades, que são condensadas no relato de Clara, com a sua marcante frase: “se não existe mulher, não existiria homem”. Desta forma, esta fala expressa a valorização da mulher. Para Freire (1984), na relação entre opressores e oprimidos, estes últimos podem apresentar mecanismos de resistência à opressão que são submetidas.

Neste sentido, muitas são as opressões enfrentadas por estas mulheres, as quais se iniciam dentro do seio familiar, no núcleo dos matrimônios.

Eu gostava do meu parceiro, acreditava que era amada. Mas quando ele soube que eu engravidei, sumiu da minha vida... Achava que a gente ia casar, ou seja, ter uma família de verdade, mas depois eu fiquei sabendo por terceiros que ele mentiu para a família disse que o filho não era dele. Casamento é algo complicado (LEDA- S.C).

A educanda Leda revela, em seu relato, o confronto entre as expectativas de um casamento feliz, que parecem ser alimentados pelo contexto cultural em que vive, o qual valoriza o matrimônio e a sua experiência negativa, ao deparar-se com um parceiro que assumiu uma postura de negação perante a paternidade de seu filho.

Estas mulheres, em sua maioria divorciadas, assumem a liderança de suas famílias encontrando forças no contexto da maternidade.

Ser mãe várias vezes causa uma ansiedade diferente, eu tive os meus cinco filhos em casa, é uma experiência boa, mas exige compromisso, entrega. Eu sei que é uma fase complicada, que a mulher precisa de apoio, não tive muito apoio do meu marido. Eu fico feliz em saber que eu posso acompanhar a minha neta no parto. Eu digo para a minha neta que não consigo entender como muitas mães abandonam os seus filhos no hospital, digo para ela doar leite para essas crianças. **Eu disse para a mãe dela apoiar ela. Porque quando a mãe dela tinha a idade dela e eu apoiei** (grifo nosso) (HELENA-S. C).

A educanda Helena expressa a solidariedade que surge entre as mulheres no contexto da maternidade. “A reflexão feminista dialoga com as ciências humanas e sociais, que valorizam o lugar da mulher na gestação, lembrando que o cordão umbilical é fonte de vida e poder” (SCAVONE, 2001, p.144). A cumplicidade entre avó e neta ao enfrentarem o desafio de criarem uma criança, mesmo com o preconceito do restante dos familiares é notável. Este gesto altruísta revela-se como um símbolo de empoderamento feminino, em uma sociedade patriarcal como a amazônica.

Desta forma, a autonomia feminina no contexto da Amazônia, a qual para Luna (1986) predominam atividades referentes ao campo como a caça, pesca e agricultura, deve ser refletida. Segundo Abramovay e Castro (1998), as mulheres correspondem a 40% da mão de obra rural no Brasil. Trata-se de atividades que exigem um grande esforço

físico, além de apresentarem inúmeros riscos à saúde, as quais, no entanto, geram frágeis lucros para estas educandas.

No nosso município a gente vive de agricultura. No caso trabalha na roça, trabalha no Igapó, cortando palmito, trabalha roçando o sítio, plantando pupunha, abacate, cupuaçu, castanha... Tudo isso a gente planta. E... Abacaxi, cana (cana de açúcar), é que a gente vive... Batatas a gente planta depois colhe para vender, para sobreviver. É com o que a gente trabalha lá. Palmito a gente corta, fabrica. Aí vende para comprar alguma coisa para sobreviver. O açaí, o açaí a gente tira, vende só que lá o nosso “interiorzinho” é meio assim não tem muito avanço porque o pessoal que vão daqui eles pagam muito barato pelo produto da gente... Lá o produto todo mundo tem ninguém compra de você porque todo mundo trabalha só naquilo e o de fora vem às vezes não sabe valorizar (BIBIANA- E.A).

Além da desvalorização do trabalho, soma-se o fato de as mesmas não obterem o conhecimento sobre os seus direitos trabalhistas. Segundo Costa (2001) as populações que vivem nos municípios interioranos amazônicos, realizam uma atividade polivalente, ou seja, plantam, caçam e pescam ao mesmo tempo, entre estes trabalhos, destaca-se a pesca como a ação que mais apresenta carências de direitos políticos, entre elas, o benefício para as vítimas de escarpelamento.

Por causa do acidente (escarpelamento), eu usava um boné e ficava com cara de menino. Se eu não usava, me olhavam estranho. Se eu usava, era marginal. Ninguém queria me dar emprego. Quando fui ao Ministério Público para tentar meu benefício, o guarda me olhou dos pés à cabeça disse: se tiver confusão aí dentro eu prendo você, porque você tem cara de malandra. Quis chorar de vergonha. Até os doutores de terno (advogados) me olhavam estranho. Nunca mais quis entrar lá (ÍRIS- E.A).

Além de confrontarem-se com a negação de seus direitos, estas mulheres ainda têm que enfrentar os preconceitos oriundos de múltiplas esferas sociais. Sociedades essas que excluem e humilham, de forma a provocarem o silenciamento de suas vozes. Segundo Paulo Freire (1982, p.70) “há um mundo que escuta, que segue, que se rebela, que é assimilado ou recuperado, que se rebela de novo, que revoluciona, que se liberta sem que esta sequência seja preestabelecida.” Neste sentido, apesar das dificuldades, estas mulheres desejam e perseveram no caminho da busca pelos seus direitos.

Esta caminhada perpassa pelos princípios educativos. Brandão (1984) aponta que a educação é uma instituição social, portanto, a mesma reflete os dilemas da sociedade. Neste sentido, as educandas exprimem em seus relatos, uma frágil intimidade com a sala de aula, fruto dos problemas socioeducativos existentes na Amazônia. Nota-se, assim, um distanciamento não apenas motivado por aspectos como maternidade e casamento, mas também pela ausência de políticas educativas.

Não frequentei a escola porque não tinha na época lá no meu interior. Não teve escola, e nunca teve. Meu pai, ele foi alfabetizado pelo padrinho dele que teve né? Aí o padrinho dele o alfabetizou. Aí como ele não tinha onde colocar nós para estudar, ele alfabetizou a gente em casa, mas não existe escola, depois já agora a muito tempo é que começou a surgir a escola. A gente estava criada já, demorou muito tempo que chegassem as escolas, ele faleceu logo, aí a gente não participou da escola na infância por causa disso. E agora a gente participa. Não era como se a gente fosse desde pequeno, se fosse desde pequeno hoje em dia a gente era bem inteirado. Mas não foi caso que ele não quisesse colocar a gente na escola, colocasse para trabalhar, não. Foi que não tinha escola na época (BIBIANA- E.A).

O relato de Bibiana descreve a realidade educativa na região amazônica, marcada pela omissão de políticas que beneficiem estas comunidades por parte do poder público. Estas lacunas são heranças do processo desequilibrado de ocupação na Amazônia, conduzido por um grupo político elitista. Loureiro (2001, p.58) indica que para as classes dominantes, “índios, negros e caboclos seriam portadores de uma cultura pobre, primitiva, tribal e, portanto, inferior. Eles nada teriam de aportar de positivo ao processo de desenvolvimento.” Estas discriminações contribuem de forma significativa para a ausência de políticas educativas na região.

Ainda segundo o relato da educanda Bibiana, apesar de atualmente muitos municípios amazônicos contarem com a presença de escolas, é fundamental, no entanto, nos debruçarmos sobre o contexto destas instituições de ensino no que se refere à relação entre professores\as e alunos\as.

Eu tinha vergonha de ir para a escola por causa do acidente, tinha que usar um boné. Todo mundo achava que eu tinha cara de malandro e até o professor me apelidava. Uma vez uma aluna ficou com pena da minha humilhação e me defendeu na frente do professor. Os colegas, às vezes tinham uns que eram muito chatos, aí às vezes eu não gostava. Porque ele ficava apelidando, arremedando a gente, falando do jeito que a gente falava que era diferente aí eu não gostava (ÍRIS -E.A).

Eu tenho muita vergonha de perguntar na escola. Então quando a professora explica é bom. Mas nem sempre ela explica, e aí eu fico sempre em dúvida (AMARANTA-S.C).

Estas educandas, por meio de seus relatos, exprimem certos traumas adquiridos após experimentarem relações conflituosas com educadores\as insensíveis e descompromissados com as suas necessidades, fatores estes que alimentam os índices de evasão escolar. Charlot (2000), aponta que o fracasso escolar deve ser interpretado por meio de situações que levam o sujeito a abandonar os estudos, uma das mesmas, é a postura do educador em sala de aula.

É notável em suas falas, a presença de educadores\as preconceituosos/as, arrogantes e adeptos de uma prática de ensino marcada pelo autoritarismo. Estas características

inflamam o distanciamento destas mulheres no seio escolar, uma vez que se sentem humilhadas, excluídas e desrespeitadas enquanto suas condições sociais, culturais e econômicas.

Neste sentido, existe segundo Paulo Freire (1996, p.2) “uma ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal, com ares de pós modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos fazer contra a realidade histórica e cultural” Entendemos com esta pesquisa que o neoliberalismo está presente na sociedade amazônica, ecoando nas paredes das escolas que ainda insistem em práticas educativas tradicionais, as quais não levam em consideração as vozes das camadas oprimidas como as mulheres do contexto rural amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos no campo das ciências sociais, percebemos que muitas lacunas ainda necessitam ser preenchidas, entre as quais a ausência de estudos mais consistentes sobre as questões femininas.

Esta marginalização imposta à figura da feminina no campo científico, apresenta-se como um impedimento para o florescimento de reflexões sobre os dilemas que mulheres de variadas nacionalidades, condições sociais e culturais enfrentam, especialmente em regiões periféricas como a América Latina.

Ao destacarmos países latinos como o Brasil, os diálogos potencializam-se para a região amazônica, marcada pela sua intensa sociodiversidade. Trata-se de uma heterogeneidade de saberes, costumes e crenças, que é mutilada por políticas neoliberais excludentes, responsáveis por provocar conflitos como a discriminação de gênero.

O sexo feminino, que sofre com o silenciamento de sua voz no seio da Amazônia, é refém de ideologias machistas, as quais alimentam os índices de evasão escolar. Em outras palavras, estas mulheres fragmentam as suas identidades em meio a casamentos tirânicos, invisibilidade profissional e escolas preconceituosas.

Apesar destes entraves, estas mães, filhas, esposas e avós não deixam de sonhar e perseverar por uma vida mais justa, farta de direitos e repleta de respeito e reconhecimento, conquistas estas que surgem a passos lentos, mas sistemáticos, os quais procuramos principiar através do eco das vozes das educandas do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. **Engendrando um novo feminismo: Mulheres Líderes de Base**. Brasília: UNESCO, 1998.

AMARAL, João. J.F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Ceará: UFC, 2007.

BELEI, Renata Aparecida *et al.* O uso de entrevista, observação, vídeogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v.30, p. 187-199, jan/jun. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a prática**. Escritos sobre viagem e estudos sobre educação. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1984.

_____. **Entre Paulo Freire e Boaventura**. Algumas aproximações entre a educação e a pesquisa. São Paulo: editora Cortez, 2003.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de Análise de conteúdo**: ferramenta de análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**. Brasília, v. 57, p. 611-614, 2004. Disponível em < <http://scielo.br/scielo. Php. script>> Acesso em 26 set. 2015. doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019.

CASTRO, Amanda Motta; EGGAR, Edla. Alguns apontamentos sobre a epistemologia feminista. **Sociais e Humanas Santa Maria**. V.25. N.2. p 231-238, jul/dez. 2012.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, Maria José Jackson Costa(org). **Sociologia na Amazônia** Debates Teóricos e Experiências de Pesquisa. Belém: UFPA, 2001.

CUNHA, Caio Barcellar *et al.* Perfil epidemiológico de pacientes vítimas de escaldamento tratados na Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Revista brasileira de cirurgia plástica**. Belém, p.3-8, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcp/v27n1/03pdf>. Acesso em 07 set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**- o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia** saberes necessários a uma prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. FREIRE, Ana Maria(org). **Cartas a Cristina**. 2 ed. Reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: UNESP, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Pressupostos do modelo de integração na Amazônia Brasileira aos Mercados Nacional e Internacional em Vigência nas Últimas Décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, Maria José Jackson (org). **Sociologia na Amazônia: Debates Teóricos e Experiências de Pesquisa**. Belém: UFPA, 2001. p.47-70.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**. Maringá.v.11, n.3. p.647-654, set/dez. 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (org.). **Políticas de Educação Inclusiva em Municípios da Amazônia Paraense**. Belém: Editora da UEPA, 2011.

_____; MOTA NETO, João Colares. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno(org.). **Cartografias ribeirinhas** Saberes e representações sobre práticas sociais dos alfabetizando amazônidas. Belém. CCSE-UEPA, 2003, p.53-66.

PEREIRA, Talita Vidal. A hegemonização do saber científico e o projeto educacional da modernidade. **Pensamento Plural**. Pelotas.n.6. p.123-145, jan/jun. 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo. **Cadernos Pagu**. Diálogo com as ciências sociais. São Paulo. n.16, p.137-150, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16a08pdf>> Acesso em: 10 set. 2015.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Educação Popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das Políticas de Saúde. **Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, p 63-83, 2004. Disponível em: <[http:// www. Scielo.br/v14n1a05pdf](http://www.Scielo.br/v14n1a05pdf)> Acesso em: 06 set. 2015. doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. Florianópolis: v.1. 212.f. Dissertação (programa de pós-graduação em sociologia política). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.